

Estudos dos gêneros jornalísticos no Brasil*Studies of journalistic genres in Brazil*Otávio DAROS¹**Resumo**

Este artigo apresenta os trabalhos pioneiros de Luiz Beltrão e José Marques de Melo sobre os gêneros jornalísticos na imprensa brasileira, tendo em vista que, antes deles, pelo menos no Brasil, o jornalismo chegou a ser considerado um gênero literário. O artigo também analisa a classificação de Manuel Chaparro e sua crítica ao paradigma anglo-saxão, que divide o jornalismo em opinião e informação. Ao fim, são comentadas as perspectivas lançadas pelos acadêmicos que se instalaram no campo mais recentemente: estudiosos que entregaram pesquisas sobre gêneros no radiojornalismo, telejornalismo e webjornalismo, e que passaram a enfatizar o hibridismo nos formatos, por exemplo.

Palavras-chave: Gêneros jornalísticos. Brasil. Jornalismo informativo. Jornalismo interpretativo. Jornalismo opinativo.

Abstract

This article presents the pioneering works of Luiz Beltrão and José Marques de Melo on journalistic genres in the Brazilian press, considering that, before them, at least in Brazil, journalism came to be considered a literary genre. It also analyzes Manuel Chaparro's classification and his criticism of the Anglo-Saxon paradigm, which divides journalism into opinion and information. At the end, we commented on the perspectives launched by academics who entered the field more recently: scholars who worked on genre research in radio journalism, television news and web journalism, and who started to emphasize hybridism in formats, for example.

Keywords: Journalism genres. Brazil. Informative journalism. Interpretive journalism. Opinion journalism.

Introdução

No Brasil, as discussões sobre gêneros jornalísticos foram iniciadas por Luiz Beltrão na década de 1960 e continuadas por seu discípulo José Marques de Melo, por mais de quatro décadas, até seu falecimento em 2018. Nome de linha de frente dos

¹ Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Fellow do Laboratório de História da Comunicação e Mudança da Mídia, na Universidade de Bremen. E-mail: otavio.daros@gmail.com

estudos de jornalismo na América Latina, este foi responsável pela formação geração seguinte de acadêmicos especializados no assunto, notadamente na Universidade de São Paulo e, depois, na Universidade Metodista de São Paulo (ver MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010), onde dirigiu a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

Como será exposto mais adiante, as origens dos trabalhos de ambos brasileiros estão ligadas ao Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina, criado no Equador, em 1959, sob tutela da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A iniciativa pioneira de estudo dos gêneros jornalísticos foi atribuída a Jacques Kayser, do Instituto Francês de Imprensa, tendo em vista suas contribuições na virada para a segunda metade do século XX, a exemplo de *Une semaine dans Le Monde* (1953). Outras contribuições de sua autoria foram publicadas em inglês, como *One week's news: comparative study of 17 major dailies for a seven-day* (1953), e outras ainda reorganizadas e difundidas em espanhol, como *El periódico: estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada* (1963), no plano do Ciespal, onde Beltrão chegou a ser professor e Marques de Melo foi pós-graduando.

Há um consenso, entre os pesquisadores do jornalismo, a respeito do pioneirismo de Jacques Kayser no estudo contemporâneo dos gêneros jornalísticos. Como diz Sonia Parrat (2008, p. 49), “as contribuições de Kayser parecem ter tido tanto peso que constituem sem dúvida o verdadeiro germe dos estudos encetados posteriormente sobre gêneros, especialmente no sul da Europa e em vários países da América Latina” (MARQUES DE MELO, 2010, p. 12).

Nem sempre foi o caso, no entanto, de pensar o jornalismo como gênero autônomo. Ao longo da década de 1950, intelectuais que atuavam como críticos literários na imprensa brasileira, especialmente Antônio Olinto (1955) e Alceu Amoroso Lima (1960), encaixaram o jornalismo na discussão literária. O primeiro refletiu sobre os pontos de aproximação e distanciamento entre jornalismo e literatura, enquanto o segundo pensou o jornalismo enquanto gênero literário, embora admitindo que seja um gênero com características particulares (informação, atualidade e pressão), diferentemente da literatura em geral.

A seu ver, “o que faz o gênero jornalismo não é o **meio** de expressão, é o **modo** de expressão, é a natureza da expressão” (LIMA, 1960, p. 42, grifo do autor). Quer

dizer que nem tudo o que os jornais publicam deve ser considerado jornalismo, visto que em suas páginas constam outros tipos de texto. Na condição de gênero literário, o jornalismo seria, sim, uma arte com qualidades estéticas, mas uma “arte pragmatista” (p. 53), configurada pela apreciação dos acontecimentos na atualidade, de maneira objetivada, visando levar as informações derivadas dos fatos ao conhecimento do público.

Outros estudiosos também buscaram, posteriormente, tecer relações do jornalismo com a literatura, a exemplo dos trabalhos de Edvaldo Pereira Lima (1993) sobre livro-reportagem e de Rildo Cosson (2001) sobre romance-reportagem, sem que, entretanto, predominasse entre eles ou, mais amplamente, na academia brasileira aquele entendimento reducente de que se trata o jornalismo de apêndice da literatura. Estudiosas como Cremilda Medina ([1978] 1988) e Alice Mitika Koshiyama (1990) rejeitaram, desde cedo, a classificação que marcou o ensaio de Amoroso Lima.

Conforme Koshiyama, “não há fundamentação teórica coerente que sustente o esquema” sugerido pelo ensaísta. “Aparentemente a teoria literária não é o centro de suas preocupações. É a prática do jornalismo que mobiliza sua capacidade analítica” (KOSHIYAMA, 1990, p. 19; ver também JANUÁRIO, 2003). A respeito, Medina também não viu razões para que as manifestações da mensagem jornalística fossem analisadas a partir de classificações da literatura, não cabendo, por conseguinte, a delimitação do jornalismo como gênero literário:

O fato da palavra, o signo verbal, ser um elemento comum e o fato de, numa fase histórica, o escritor se confundir com jornalista, não sustenta o enquadramento do Jornalismo na Literatura, nem em sua divisão de gêneros. Alceu Amoroso Lima levanta quatro critérios de especificidade: é realmente uma arte verbal, uma arte verbal em prosa, uma prosa de apreciação do acontecimento. Há nestes critérios uma certa imprecisão, como por exemplo no termo “apreciação”, mas de qualquer maneira ele identifica o objeto do Jornalismo: informação atual sobre o acontecimento (MEDINA, [1978] 1988, p. 66).

Esgotado o comentário em torno deste tópico, e verificado o estabelecimento de discussões mais promissoras no sentido do jornalismo como gênero para além da literatura, este artigo se ocupará da análise dos trabalhos pioneiros de Luiz Beltrão e José Marques de Melo, voltados à imprensa periódica. Há que se levar em conta ainda a proposta de Manuel Chaparro e sua crítica ao paradigma anglo-saxão, que divide o

jornalismo em opinião e informação. São comentadas, ao fim do artigo, as perspectivas lançadas pelos acadêmicos que se instalaram no campo posteriormente, e que entregaram pesquisas sobre gêneros no radiojornalismo, telejornalismo e webjornalismo.

Classificação de Luiz Beltrão (1969-1980)

Precursor dos estudos de jornalismo no Brasil, Beltrão foi responsável pela implantação do curso de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, em 1961. Também fundou ali o Instituto de Ciências da Informação, centro pioneiro de pesquisa na área. Logo passou a integrar o corpo docente do Ciespal, no Equador. Ao retornar ao Brasil, foi convidado pelo governo Castelo Branco para assumir a direção da Faculdade de Comunicação de Massa da Universidade de Brasília, onde defendeu sua tese doutoral sobre folkcomunicação, em 1967 (ver MARQUES DE MELO; GURGEL, 2014).

Foi neste período, após a publicação da obra basilar *Iniciação à filosofia do jornalismo* (1960), com referências aos ensaios de Olinto e Amoroso Lima, que Beltrão se dedicou à fundamentação dos gêneros jornalísticos. O conteúdo sobre a matéria está distribuído na trilogia: *A imprensa informativa* (1969), *Jornalismo interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980). A classificação que pode ser extraída de cada livro é, na verdade, a base de suas aulas no curso de graduação, o que explica o caráter didático do material em relação à natureza filosófica que marcou aquela primeira obra.

O pressuposto funcionalista assimilado no Ciespal, de que o uso da informação pelo público permite determinar a natureza do fenômeno, configurou sua classificação. Nela, Beltrão sugere dividir o jornalismo em: 1) informativo, 2) interpretativo e 3) opinativo, conforme as funções que desempenha junto aos leitores, respectivamente: 1) informar, 2) explicar e 3) orientar (MARQUES DE MELO, [1985] 1994, p. 59).

Quadro 1 - Classificação dos gêneros jornalísticos por Luiz Beltrão (1969-1980)

Informativo	Interpretativo	Opinativo
Notícia	Reportagem em profundidade	Editorial

Reportagem		Artigo
História de interesse humano		Crônica
Informação pela imagem		Opinião ilustrada
		Opinião do leitor

Fonte: Beltrão (1969; 1976; 1980).

Sua ideia central é a de que o jornalismo se traduz no conjunto de técnicas pelas quais os fatos são relatos e, transformados em informações da atualidade, são levados ao conhecimento do público. O jornalismo cumpriria, assim, a função de orientar os indivíduos nas tomadas de decisões da vida em sociedade. À vista disso, o jornalismo é e deve ser acima de tudo informação. Isto é, “o relato puro do que ocorre de significativo em todos os domínios do pensamento e da atividade humana” (BELTRÃO, 1969, p. 81).

Todavia, mais do que relatar os fatos da atualidade, ao jornalismo interpretativo caberia explicá-los, por isso, sendo este definido pelo “**objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, julgemos e possamos agir com acerto**” (BELTRÃO, 1976, p. 46, grifo do autor). Nota-se, porém, que não é o caso de o repórter exprimir sua visão de mundo sobre os acontecimentos (BELTRÃO, 1960, p. 118-119). Deve-se, em vez disso, coletar, apurar e tratar os dados sobre os fatos (BELTRÃO, 1960, p. 161-162).

O jornalismo opinativo resultaria, por sua vez, do “esforço de interpretar a ocorrência, tirando conclusões e emitindo juízos com o objetivo de provocar a ação por parte daqueles aos quais a mensagem é dirigida” (BELTRÃO, 1980, p. 13). Segundo ele, a imprensa periódica veicula três tipos de opinião: “a do editor, a do jornalista e a do leitor, que, juntas, irão oferecer à comunidade a manifestação corporificada do tão discutido fenômeno social da opinião pública”. O jornalismo, portanto, além de informar, tem o dever de exercitar a opinião, tendo em vista que ela não só “valoriza e engrandece a atividade profissional” da imprensa, quando exercida com responsabilidade social, bem como “se torna fator importante na opção da comunidade

pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia do corpo social” (BELTRÃO, 1980, p. 14).

Classificação de José Marques de Melo (1985-2016)

A opinião no jornalismo brasileiro (1985), resultado da tese de livre-docência defendida por Marques de Melo em 1983, na Universidade de São Paulo, é um marco do seu estudo sobre gêneros jornalísticos. Seu mérito primeiro foi de ter sistematizado as contribuições europeias, norte-americanas e latino-americanas, embora sem desenvolver devido tratamento crítico à matéria (ver MARQUES DE MELO, ([1985] 1994, p. 33-64). Significa que o autor se privou de ir além do levantamento e ordenamento das contribuições de nomes como Jacques Kayser (França), Emil Dovifat (Alemanha), José Luis Martínez Albertos (Espanha), Philip Meyer (Estados Unidos), Eugenio Castelli (Argentina), Raúl Rivadeneira Prada (Bolívia), Juan Gargurevich (Perú), Raúl Rivadeneira Prada (México), Julio Cabello (Venezuela).

Outro mérito do autor foi de ter avançado com pesquisa, correlacionando a classificação dos gêneros com a prática jornalística (MARQUES DE MELO, [1987] 1992, p. 6-7). Ao analisar a imprensa periódica de São Paulo, observou a predominância dos gêneros informativo e opinativo; chamou atenção para “o gênero interpretativo que teve uma vigência muito forte nos anos 60 e 70, desapareceu nos anos 80, voltou nos 90 e agora está se desenvolvendo muito” (MARQUES DE MELO, 2008); e adicionou a estes três os gêneros diversional e utilitário, resultando na classificação abaixo:

Quadro 2 - Classificação dos gêneros jornalísticos por José Marques de Melo (1985-2016)

Informativo	Opinativo	Interpretativo	Diversional	Utilitário
Nota	Editorial	Análise	História de interesse humano	Indicador
Notícia	Comentário	Perfil	História colorida	Cotação

Reportagem	Artigo	Enquete		Roteiro
Entrevista	Resenha	Cronologia		Serviço
	Coluna	Dossiê		
	Caricatura			
	Carta			
	Crônica			

Fonte: MARQUES DE MELO (1985); MARQUES DE MELO; ASSIS (2016).

O que se registrou com o passar das décadas, a seu entender, foi o aparecimento de novos gêneros em decorrência das novas funções exercidas pela imprensa. Assim sendo, o estudioso manteve o tratamento funcionalista visto em Beltrão, preservando a influência norte-americana adquirida nos tempos de Ciespal:

Durante muito tempo, se informava e se opinava, e a partir do século XX, passamos a ter algumas variações, depois da segunda guerra mundial, passamos a ter a necessidade de interpretar — interpretar no sentido de explicar, educar. Recentemente, dois novos gêneros adquiriram autonomia: o gênero diversional, com a segunda metade do século XX com a predominância do entretenimento da mídia, o jornalismo teve que se alterar, introduzir estruturas de informação, que informa divertindo, informa dando prazer. E agora na passagem desse século, o jornalismo utilitário. Temos toda uma série de informações que já estavam presentes no século XVIII, mas que agora se tornam essenciais porque as pessoas vêm jornal para tomar decisão. Vejo, na verdade, a existência de **5 gêneros que são autônomos**, mas se hibridizam (MARQUES DE MELO, 2008, grifo da entrevistadora).

Apesar da maioria de seus seguidores julgar originalidade na obra (ver ARAGÃO *et al.*, 2013, 2014, 2015), o próprio tratou de negar esta qualidade, afirmando que sua classificação não é mais que a união bem-acabada das sistematizações anteriores. “Basicamente, a minha classificação é do Luiz Beltrão, com algumas adaptações” (MARQUES DE MELO, 2008), a exemplo da inserção da reportagem dentro do gênero informativo, em vez de colocá-la dentro do gênero interpretativo como propôs seu mestre.

Todavia, a nosso ver, a principal contribuição dele foi outra: a elaboração de reflexão sobre o jornalismo brasileiro, em vez da proposta classificatória (ver RÜDIGER; DAROS, 2020). Embora desprovido de pesquisa comparativa internacional, argumentou que o jornalismo se desenvolveu no Brasil de modo distante dos padrões portugueses, ao mesmo tempo que não constitui uma cópia dos modelos franceses (jornalismo opinativo) e norte-americanos (informativo). O jornalismo brasileiro seria “contemporaneamente o resultado cultural desse conjunto de motivações forâneas, sem que isso queira significar a existência de uma fisionomia amorfa, produzida pelo entrecruzamento dos padrões estrangeiros”. Em conclusão, “o jornalismo brasileiro estruturou-se criativamente, absorvendo com seletividade os modelos que se nos insinuaram ou impuseram, adquirindo feição diferenciada” (MARQUES DE MELO, [1985] 1994, p. 181).

Classificação de Manuel Chaparro (1998-2008)

Ao retomar a classificação de Melo, sustentada no paradigma anglo-saxão que divide o jornalismo em opinião e informação, Chaparro afirmou que era preciso romper com esta divisão equivocada, visto que ignoraria a produção noticiosa enquanto processo de intervenções de valoração eajuizamento (CHAPARRO, [1998] 2008, p. 225). Ao mesmo tempo, também não concordou com a classificação da escola espanhola, representada por Martinez Albertos (1974): ainda que sua revisão do paradigma anglo-saxão estabeleça “um nível interpretativo para o relato jornalístico, intermediário entre a informação e a opinião”, Albertos terminaria isolando “com fronteiras rígidas, sem porosidades, a informação objetiva e a opinião” (CHAPARRO, [1998] 2008, p. 150-151).

Para o autor português radicado no Brasil, essas tentativas de divisão entre opinião e informação seriam todas, em última análise, “fraudes teóricas”, uma vez que:

O jornalismo se constrói com informação e opinião, mas todo o controle do processo é opinativo, um controle consciente. Você faz escolhas: isto é o mais importante; eu tenho dez respostas, mas só vou escolher uma. O que é isto? O jornalismo se divide em esquemas: esquemas de narrar e esquemas de argumentar, ambos com opinião e informação (CHAPARRO, 2015, p. 24-25).

Levando em conta que sempre há algum critério subjetivo por trás de toda prática jornalística (CHAPARRO, 1994, p. 120-121), o acadêmico tratou de propor outro arranjo, ao compreender o jornalismo enquanto um processo social de ações tanto de relato quanto de comentário da atualidade, com qualidades narrativas e argumentativas (CHAPARRO, [1998] 2008, p. 223-225).

Quadro 3 - Classificação dos gêneros jornalísticos por Manuel Chaparro (1998-2008)

Comentário	Comentário	Relato	Relato
Espécies argumentativas	Espécies gráfico- artísticas	Espécies narrativas	Espécies práticas
Artigo	Caricatura	Notícia	Roteiros
Carta	Charge	Reportagem	Indicadores econômicos
Coluna		Entrevista	Agendamentos
		Coluna	Previsão do tempo
			Consultas
			Orientações úteis

Fonte: Chaparro ([1998] 2008).

Não significa, contudo, que essa classificação foi amplamente aceita por seus colegas, a começar pelo próprio Marques de Melo:

Não concordo, porque o **Manuel Chaparro**, que foi meu aluno, **trocou 6 por meia dúzia**. Ele na verdade adotou um dos meus fundamentos, uma das minhas fontes... Trabalhei com Martinez Albertos, em Madri... Aliás, já depois que eu vinha trabalhando com gênero que vim a trabalhar com ele. Ele adotou aquela classificação, que eu acho que tem alguma validade. Inclusive hoje, quando eu analiso gênero, estabeleço uma divisão de formatos e tipos. Cada gênero tem alguns formatos e a variação dele é o tipo. Eu disse a Chaparro agora, quando ele lançou seu livro [refere-se ao *Sotaques D'aquém e d'além mar. travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*]... disse a ele: "Você trocou 6 por meia dúzia". É

basicamente a mesma coisa que eu vinha dizendo antes. **Ele deu uma boa contribuição. Mas, ele foi ao Van Dijk e chegou à mesma conclusão que nós chegamos** (MARQUES DE MELO, 2008, grifo da entrevistadora).

Fundamentado na “pragmática do discurso” de Teun van Dijk, Chaparro trabalhou não só para diferenciar sua classificação daquela de Beltrão e Marques de Melo, mas também para aprofundar a reflexão sobre os gêneros jornalísticos, entendidos por ele como formas discursivas de análise da atualidade. Em sua visão, resumindo, “o discurso jornalístico caracteriza-se, cada vez mais, pela aptidão de captar, compreender e socializar, pela mediação crítica, os discursos interessados dos agentes produtores de acontecimentos, falas e saberes que desorganizam, reorganizam ou explicam a atualidade” (CHAPARRO, [1998] 2008, p. 112; ver BIANCO; SANTOS, 2014).

Novas contribuições

Em comum, Luiz Beltrão, José Marques de Melo e Manuel Chaparro elaboraram classificações a partir do exame do jornalismo impresso. O que se viu, no Brasil, nos últimos anos foi a diversificação temática dessa pesquisa, com abertura gradativa para estudos sobre radiojornalismo, telejornalismo e webjornalismo. Prova disso é que, desde 2009, o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação passou a abrigar grupo de pesquisadores “para concentrar e estimular os estudos nesse subcampo do jornalismo”, “de modo que a ascensão do digital não exclua a importância de estudos anteriores, cuja matriz é o impresso” (SANTOS; MEO; FERREIRA JUNIOR, 2019, p. 14).

No que diz respeito ao rádio, destaca-se o trabalho pioneiro de André Barbosa Filho (2003), resultado de sua dissertação de mestrado de 1996. Nela, o autor buscou classificar os gêneros radiofônicos, distinguindo jornalismo e entretenimento. Mais tarde, Nair Prata (2009), ao tratar do webrádio, observou como as transformações tecnológicas têm promovido alterações e reconfigurações desses gêneros, no sentido de hibridização dos formatos. Já Clóvis Reis (2010) assinalou as tênues fronteiras entre informação e opinião nas emissoras, confirmando a tendência de produção de formatos híbridos.

Olhando para o universo da televisão, Guilherme Jorge de Rezende (2000) levantou a hipótese de que os gêneros no telejornalismo corresponderiam aos do jornal impresso diário, embora os formatos de um e outro nem sempre coincidiram. Enquanto

José Carlos Aronchi de Souza (2004) identificou quatro gêneros nos programas de informação, a saber: debate, documentário, entrevista e telejornal. Houve também quem investiu em estudo de caso, a exemplo de Roseméri Laurindo (2015). A autora evidenciou como o *Encontro com Fátima Bernardes*, da Rede Globo, apesar de ter estreado como programa de formato híbrido, pode ser enquadrado no modelo de jornalismo diversional, descrito por Marques de Melo há quatro décadas (ver ASSIS, 2018).

Pesquisadoras do jornalismo digital como Luciana Mielniczuk (2003) sistematizaram, com antecedência, as contribuições para o estudo do formato da notícia hipertextual, ao mesmo tempo que tangenciaram a questão dos gêneros. Nessa direção temática, Lia Seixas (2009) elaborou o estado da arte mais completo, sublinhando os chamados “cibergêneros jornalísticos”. Observou que as pesquisas dedicadas ao assunto “têm se fundamentado na análise das propriedades da mídia digital, principalmente, hipertextualidade, multimídia e interatividade” (SEIXAS, 2009, p. 83).

Clarissa Pereira também se ocupou dos cibergêneros jornalísticos. Porém, enquanto Seixas (2019, p. 2) notou que, “com as novas mídias, as práticas discursivas passam a experimentar e produzir novos formatos, que podem se instituir ou não em novos gêneros”, Pereira (2018, p. 172) concluiu que, pelo menos no caso do webjornalismo brasileiro, ainda há predominância dos gêneros da mídia tradicional, embora novos formatos textuais e audiovisuais sejam constantemente incorporados.

Quadro 4 - Panorama da pesquisa em gêneros jornalísticos no Brasil

Jornalismo impresso	Radiojornalismo	Telejornalismo	Webjornalismo
Luiz Beltrão	André Barbosa Filho	Guilherme Jorge de Rezende	Luciana Mielniczuk
José Marques de Melo	Nair Prata	José Carlos Aronchi de Souza	Lia Seixas
Manuel Chaparro	Clóvis Reis	Ana Carolina Temer	Daniela Bertocchi
Roseméri Laurindo	Janine Lucht	Roseméri Laurindo	Clarissa Pereira
Francisco de Assis			

Considerações finais

Isso tudo demonstra a continuidade e expansão da pesquisa em gêneros jornalísticos no Brasil, e revela como os trabalhos recentes apresentam pluralidade temática, ao mesmo tempo que preservam antigos repertórios teórico-metodológicos, notadamente o legado de Marques de Melo (ver MARQUES DE MELO; LAURINDO; ASSIS, 2012). Nesse sentido, cabe julgar que a manutenção de algumas tendências que marcaram esses primeiros trabalhos de natureza classificatória, com pouca ou até mesmo “sem reflexão mais aprofundada e rigorosa” (ARONCHI DE SOUZA, 2004), podem ser empecilhos para o desenvolvimento desse subcampo em termos qualitativos.

Significa que os próximos pesquisadores podem e, talvez, devem se preocupar menos com a formulação de novas propostas classificatórias, e mais com a análise e reflexão dos próprios resultados obtidos na pesquisa empírica, tratando de examinar com energia as relações existentes entre os textos e o contexto, por exemplo.

Referências

- ARAGÃO, Iury Parente *et al.* (Org.). **Fortuna crítica de Marques de Melo**. Volumes 1-4. São Paulo: Intercom, 2013, 2014, 2015.
- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.
- ASSIS, Francisco de. **Jornalismo diversional**. Florianópolis: Insular, 2018.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1969.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BERTOCCHI, Daniela. Gêneros no ciberjornalismo. *In*: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010. p. 315-328.

BIANCO, Nélia Rodrigues Del; Santos, Marli dos. (Org.). **Manuel Carlos Chaparro: 70 anos na estrada do texto**. São Paulo: Intercom, 2014.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. São Paulo: Summus, [1998] 2008.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Entrevista concedida à Ana Paula Goulart e Cláudio Ornellas. **Intercom**, São Paulo, [1998] 2008. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/uploads/files/depoimento_chaparro.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora UnB, 2001.

JANUÁRIO, Marcelo. A arte da palavra: Alceu Amoroso Lima e o jornalismo como missão civilizadora. **Revista PJ:BR**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2003. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia1_a.htm. Acesso em: 21 maio 2021.

KAYSER, Jacques. **Une semaine dans Le Monde: étude comparée de 17 grands quotidiens pendant 7 jours**. Paris: Unesco, 1953.

KAYSER, Jacques. **One week's news: comparative study of 17 major dailies for a seven-day period**. Paris: Unesco, 1953.

KAYSER, Jacques. **El periódico: estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada**. Quito: Ciespal, 1963.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. O ideal inatingido do jornalismo. In: LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte, 1990. p. 9-23.

LAURINDO, Roseméri. **O jornalismo diversional de Fátima Bernardes**. São Paulo: Primavera Editorial, 2015.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LUCHT, Janine Marques Passini. Gêneros no radiojornalismo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010. p. 269-290.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, [1985] 1994.

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, [1987] 1992.

MARQUES DE MELO, José. Entrevista concedida à Lia Seixas. **Gêneros Jornalísticos**, São Paulo, 2008. Disponível em: www.generos-jornalisticos.blogspot.com/2008/05/o-que-jornalismo-possvel-entender.html. Acesso em: 21 maio 2021.

MARQUES DE MELO, José. Introdução. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010. p. 13-22.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442016000100039&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2021.

MARQUES DE MELO, José; GURGEL, Eduardo Amaral (org.). **Luiz Beltrão: singular e plural**. São Paulo: Intercom, 2014.

MARQUES DE MELO, José; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de (org.). **Gêneros jornalísticos: teoria e práxis**. Blumenau: EDIFURB, 2012.

MARTINEZ ALBERTOS, José Luis. **Redacción periodística**. Barcelona: Editorial A.T.E., 1974.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Summus, [1978] 1988.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporânea), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

PARRATT, Sonia. **Gêneros periodísticos en prensa**. Quito: Ciespal, 2008.

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg. **Jornalismo digital e novas tecnologias: estudo de gêneros e formatos nos principais sites jornalísticos brasileiros**. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2009.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

REIS, Clóvis. **Na fronteira da persuasão: os gêneros jornalísticos nas emissoras de rádio**. Blumenau: EDIFURB, 2010.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, Marli; MEO, Izabel; FERREIRA JUNIOR, Carlos. Gêneros jornalísticos: um panorama dos trabalhos apresentados em 2013/14 no Congresso Intercom. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**. Covilhã: LabCom Books, 2009.

TEMER, Ana Carolina. Gêneros e gêneros: apontamentos teóricos sobre os conceitos e sua atribuição ao jornalismo feminino. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 30, n. 51, p. 177-200, 2009.

TEMER, Ana Carolina. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. IN: Vizeu, Alfredo; COUTINHO, Iluska; Porcello, Flávio (Org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise crítica. Florianópolis: Insular, 2010. p. 101-126.